

TURISMO: A PERCEPÇÃO DE QUEM LÊ E VÊ A PAISAGEM

Eva Faustino da Fonseca de Moura BARBOSA¹

Resumo

Este artigo surgiu da necessidade de se discutir o conceito de paisagem como parte integrante do espaço, essencial como recurso turístico. O artigo objetiva analisar a relação entre o turista e a paisagem, e como a percepção pode interferir nessa associação. Nesta revisão bibliográfica foram selecionados autores que tratam desse elo, levando em conta a percepção como algo que determina o dia-a-dia, as ações e as atitudes dos seres humanos, visto que a percepção está sempre presente em toda e qualquer atividade humana. O espaço foi inserido como parte desse elo, onde tudo acontece, fruto da relação do ser humano com o meio ambiente. A paisagem pode assumir diversos significados mediante a sua apreensão e os diferentes interesses de abordagem e de enfoque. A relação entre turismo e paisagem, muitas vezes, pode ser marcada pela contrariedade, produzindo efeitos tanto positivos quanto negativos ao ambiente. Paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e representa, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística.

Palavras-chave: Turismo. Paisagem. Percepção.

Abstract

Tourism and landscape

This article arose from the need to discuss the concept of landscape as part of the space with an essential feature as a tourist resource. The aim of the article is to analyze the relationship between the tourist and the landscape, and how perception can interfere with this association. For this bibliography review, we have selected authors that deal with this link, taking into account perception as something determining everyday life, actions and attitudes of human beings, since perception is always present in every and any human activity. Space was inserted as part of this relationship, where everything happens; a product of the connection of human beings with the environment. Landscape may assume several meanings according to its apprehension and the different interests of approach and focus. The relationship between tourism and landscape may, many times, be marked by contrariety, yielding either positive or negative effects on environment. Landscape and tourism are two closely related realities. Landscape is a substantial element to the tourist phenomenon and, therefore, means a highly valuable resource in the development and consolidation of the tourist offer.

Key words: Tourism. Landscape. Perception.

¹ Doutoranda em Geografia – Unesp/Rio Claro – E-mail: evamoura@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da necessidade de se discutir o conceito de paisagem como parte integrante do espaço e essencial como recurso turístico. Ao considerar a paisagem importante para o turismo, não podemos deixar de considerar a percepção essencial na análise da paisagem. A percepção determina o tipo de relação que o turista pode ter com o meio onde este se encontra. É através da percepção que essa relação pode ser de profundo bem-estar ou, pelo contrário, de profunda decepção.

O espaço é constituído por alguns elementos que, na prática do turismo, tornam-se essenciais. Esses elementos dão o suporte necessário para o ir e vir do turista, bem como são responsáveis pela qualidade do meio ambiente e da paisagem, tão importante para o fazer turístico.

A paisagem pode ser entendida como a soma dos fatores ecológicos e antrópicos que interagem e se modificam no tempo e no espaço. A ação antrópica aparece como elemento formador e transformador da paisagem. A vivência e a experiência humanas fazem parte da paisagem, podendo o indivíduo modificá-la a partir daquilo que se está vivenciando. O ser humano percebe e vivencia as paisagens e a elas atribui significados e valores.

A percepção individual da paisagem é um ato criativo em que uma mesma cena observada por várias pessoas produz diferentes paisagens em cada uma delas, estando o observador condicionado a alguns fatores básicos: fatores inerentes ao próprio indivíduo, fatores educativos e culturais, fatores emotivos, afetivos e sensitivos. Esses fatores transformam a paisagem naquilo que o ser humano quer ver, viver e sentir, tornando a paisagem algo agradável ou desagradável, segundo a sua percepção.

CONCEITO DE ESPAÇO

Milton Santos (1994, p. 90) propõe: "entender o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações". Tanto objetos como ações não têm vida própria se não forem tomados em conjunto. Santos (2002, p. 63) afirma que os sistemas de objetos e os sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre os objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

Para o autor "o espaço é formado de fixos e de fluxos" (Santos 1988, p. 77). O espaço do turismo é essencialmente fluido porque, por natureza, implica mobilidade horizontal e vertical. Isso não significa que nas áreas de deslocamento dos fluxos não se imprimam formas (ferrovias, rodovias, hidrovias, estações rodoviárias e ferroviárias, portos e aeroportos); são os chamados sistemas de objetos. (RODRIGUES, 2003)

Fixos, porém não estáticos, são os centros emissores de demanda (serviços), de onde partem os fluxos para os núcleos receptores, usando a linguagem técnica do turismo. É nos destinos dos fluxos horizontais que se dão tanto a produção quanto o consumo dos espaços de turismo, onde encontramos novos sistemas de objetos interagindo com novos sistemas de ações. (RODRIGUES, 2003)

ELEMENTOS DO ESPAÇO

Para Santos (1985, p. 6 e 7), são elementos constitutivos do espaço – os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas. Segundo Rodrigues (2003, p. 103) esses elementos se entrelaçam, se fundem e se confundem, contêm-se uns nos outros e são por todos contidos, produzindo-se a totalidade espacial.

Segundo Rodrigues (2003, p. 103), homens e mulheres, como seres individuais e sociais, correspondem, no turismo, à demanda turística, à população residente e a todos os indivíduos responsáveis pelo funcionamento de outros elementos, tais como os representantes das firmas e das instituições.

As firmas, segundo Santos (1985, p. 7), “têm como função essencial a produção de bens, serviços e idéias”. Referentes ao turismo correspondem aos serviços de hospedagem e de alimentação, às agências e operadoras de viagem, às companhias aéreas e outras modalidades de transporte, aos sistemas de promoção e comercialização de toda natureza e, em diversas escalas, incluem as poderosas empresas de marketing e publicidade, de fundamental importância internacional.

As instituições correspondem à supra-estrutura. Produzem normas, ordens e legitimações. Delas emanam ações racionais, pragmáticas, ditadas pelas forças da economia hegemônica e a serviço do Estado. De posse do sistema sofisticado de informação, regem as ações definidoras das novas realidades espaciais. As instituições que regulam o turismo global seriam, nomeadamente, a Organização Mundial do Turismo (OMT), a Organização Mundial do Comércio (OMC), etc. No Brasil, em nível nacional, figuram diversas instituições que regem o turismo, como a Embratur, o MMA e o IBAMA. (RODRIGUES, 2003)

As infra-estruturas são importantes elementos do espaço do turismo. Além da infraestrutura de acesso, representada pela rede de transportes e de comunicações nos trabalhos de diagnósticos turísticos, faz-se o inventário da infra-estrutura urbana, tais como: redes de água, energia, abastecimento, saneamento básico, coleta de lixo e esgoto. Os serviços de apoio ao turismo, nomeadamente segurança, comunicação e saúde, também podem ser classificados como pertencentes às infra-estruturas. (RODRIGUES, 2003)

Como último elemento, Santos (1985, p. 8) nomeia o chamado meio ecológico, compreendido como o “conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano”. O meio ecológico, assim concebido, abrange muito mais que somente os objetos naturais, confundindo-se com ambiente.

Assim compreendido, o meio ecológico não é só receptáculo das ações humanas, mas também delas resultante durante o processo histórico. Assim, relaciona-se à história das técnicas, através das quais as comunidades humanas conquistam, demarcam e legitimam seus territórios. É na apropriação do ambiente como objeto de conhecimento que o homem produz espaço, propiciando a continuidade de seu processo histórico. (RODRIGUES, 2003)

DISTINÇÃO ENTRE ESPAÇO E PAISAGEM

Para Santos (2002), a distinção entre espaço e paisagem deve ser entendida como uma necessidade epistemológica. Para o autor, paisagem e espaço não são a mesma coisa. A paisagem ou configuração territorial são os elementos naturais e artificiais que caracterizam uma área que se pode abarcar com a visão. O espaço seria isso mais a vida que anima esse local.

O autor desmistifica espaço de paisagem:

A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais concretos. Nesse sentido, a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objeto. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente. (SANTOS, 2002, p. 103-104)

Para Santos (2002), a paisagem permite apenas supor um passado ou fragmentos materiais de um passado. Se quisermos interpretar cada etapa da evolução social, precisamos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade a escreveu de momento em momento.

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, *no momento atual, uma função atual*, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual. (SANTOS, 2002)

Assim, reconstituímos a história pretérita da paisagem, mas a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual. A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais.

A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. O espaço humano é a síntese, sempre renovada, das contradições e da dialética social, onde o espaço natural e o espaço humanizado se interagem, interpenetrando-se na construção da história da humanidade.

CONCEITO DE PAISAGEM

Para Rodrigues (2001), ao ler-se a paisagem, toma-se contato com uma parte do espaço circunscrita à abrangência do campo visual do observador, como se o espaço fosse estático. Porém, a paisagem resulta de uma acumulação desigual de tempos, revelando um dinamismo diacrônico, resultante do processo espacial.

Todos os objetos, expressos pelas formas, captados num determinado momento e formando um conjunto, estão fixos, como numa fotografia. Isso não significa que não sejam dotados de ações. Essas ações podem ser presentes ou pretéritas. Os tempos distintos, não cronológicos mas sociais, podem estar determinando formas.

Dessa forma, a paisagem é a soma dos fatores ecológicos e/ou antrópicos, que interagem e se modificam no tempo e no espaço. Deve-se destacar que a ação antrópica aparece como elemento formador da paisagem e primordial para o desenvolvimento desta.

DIMENSÃO CONCEITUAL DA PAISAGEM

A idéia de paisagem pode assumir significados diversos mediante a sua apreensão por diversos interesses de abordagem e de enfoque. Segundo Pires (2003b), podem ser consideradas três dimensões conceituais para o termo paisagem:

- A dimensão estética ou visual: a mais primitiva e a mais intuitiva, relacionada com a reação sensitiva e a resposta perceptiva do ser humano diante da expressão visual de uma paisagem.
- A dimensão cultural: que considera a paisagem um recurso no sentido humano de sua modificação, onde o homem atua como o seu agente modelador. Determinadas paisagens culturais são testemunhos da história e, por isso, estão carregadas de valores emocionais que transcendem qualquer conceito de beleza estética ou de equilíbrio ecológico.
- A dimensão ecológica (ou ecológico-geográfica): que considera a paisagem como resultado do conjunto de inter-relações entre os seus componentes, ou seja, entre rochas, água, vegetação, relevo, uso do solo, clima, etc., representando, dessa forma, a resposta visual da evolução conjunta dos elementos físicos e biológicos que a constituem.

As definições de paisagem aqui defendidas se identificam claramente com as dimensões estético-visual e cultural, exatamente as que mais correspondem às margens do turista e ao apelo turístico. Pois essas dimensões tratam da resposta perceptiva do ser humano diante das variadas demonstrações de uma paisagem e como o homem reage a essas variações. As paisagens são carregadas de valores culturais e emocionais, independentemente de beleza estética e equilíbrio ecológico.

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

Segundo Pires (2003a, p. 118) "a percepção está sempre presente em toda e qualquer atividade humana". Para Machado (1988 apud PIRES 2003a, p. 118) "a vivência e a experiência humana tomam parte da paisagem, daí não se poder falar em paisagem sem que seja a partir de sua percepção". O ser humano percebe e vivencia as paisagens e a elas atribui significados e valores.

A percepção individual da paisagem é um ato criativo em que uma mesma cena observada por várias pessoas produz diferentes paisagens em cada uma delas, estando esse ato criativo condicionado a três fatores básicos, segundo Pires (2003a):

- Fatores inerentes ao próprio indivíduo: forma de observar, capacidade imaginativa, mecanismos de associação de imagens, etc.
- Fatores educativos e culturais condicionantes: influência da sociedade e de seus padrões sobre o aprendizado cultural e estético do indivíduo.
- Fatores emotivos, afetivos e sensitivos: relações do observador com o meio (familiaridade, conhecimento, tendência emocional devido a associações pessoais, etc).

Para Tuan (1979), a paisagem não significa uma unidade funcional, como uma fazenda ou um município, não podendo ser definida apenas por especificação de suas partes. Paisagem é mais que isso: é como uma imagem, uma construção da mente e dos sentimentos. As imagens que temos sobre paisagens são infinitas, pois exigem perspectivas estéticas, funcionais e morais.

Compreender um lugar, diz o autor, envolve tempo e reflexão. Aprendemos desde criança a perceber sempre mais com os “olhos da mente”. As informações captadas do meio ambiente motivam o pensamento. Quando a mente novamente focaliza o meio ambiente, sua contemplação é sempre colorida e acrescida de estórias.

Para Rodrigues (2001), é comum confundir o ver com o perceber. A paisagem contém a energia necessária para estimular as dez modalidades sensoriais que se combinam na percepção (a visão, a audição, o tato, a temperatura, a sinestesia, a dor, o gosto, o olfato, o sentido vestibular e o sentido químico comum). Cada sentido se especializa em captar uma parte da realidade.

Segundo Rodrigues (2001), o ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos. Com a visão enxerga todos os objetos dentro do campo abrangido pelos olhos. A visão binocular auxilia o homem a ver as coisas nitidamente como corpos tridimensionais. Distingue a forma dos objetos, a ordem em que se sucedem na paisagem, suas cores, seus brilhos e movimentos. Através do deslocamento do observador, usando o sentido sinestésico, modificam-se as fronteiras do campo visual; os objetos mudam de direção, um eclipsa o outro, certos detalhes são perdidos ao passo que os outros são realçados. A visão é seletiva e reflete a experiência. Assim, cada pessoa vê diferentemente de outra, dependendo do direcionamento da sua observação, subordinada aos seus interesses individuais. Nesse sentido, a visão ultrapassa o aspecto puramente sensorial. O olfato, captando o odor da paisagem, é importante na formação da imagem e na sua memorização. A recordação de imagens da infância não raro vem acompanhada dos seus cheiros. Da mesma forma, os sons são muito importantes para a evocação de uma paisagem. Por intermédio do tato, pode-se perceber a textura das coisas que vemos ao tomar contato com elas. Há dois sentidos de fato – um ativo (tocar) e outro passivo (ser tocado), ambos igualmente importantes para completar a imagem da paisagem. Por exemplo, ao caminhar por uma trilha, pisar no solo, tocar as árvores, roçar as folhas, o caminante, movido pelo sentido sinestésico, amplia suas sensações, enriquecendo sua experiência com a paisagem.

O sentido vestibular, que se localiza na parte auditiva do ouvido interno, capta a sensação de equilíbrio e é responsável pela vertigem das alturas quando se observa um precipício.

A sensação térmica dada pelo contato do corpo com o sol, com a água, com o ar é muito importante na percepção da paisagem.

Completa a percepção a dor, o gosto e o sentido químico. A dor funciona como proteção do indivíduo; o gosto, quando prova o sabor de uma fruta ou a sensibilidade da água; o sentido químico, ao ter reações alérgicas mediante o contato com alguns vegetais ou animais dotados de substâncias agressoras ao organismo humano, causando irritações na pele.

A tudo isso se acrescenta a experiência individual, construída da bagagem cultural e da história de vida, de pensamentos e sentimentos. Assim, ler a paisagem é mais complexo do que *ver e perceber* a paisagem. Envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário (RODRIGUES, 2001).

A PAISAGEM COMO RECURSO TURÍSTICO

A relação entre turismo e paisagem é marcada pela contrariedade, produzindo tanto efeitos positivos quanto negativos ao ambiente, ainda mais ao notar que o turismo é uma atividade que sacraliza a natureza e ao mesmo tempo submete-a ao mundo da mercadoria, pois se paga para desfrutar da natureza, da paisagem natural ou do ambiente natural ou construído. (RODRIGUES, 2001)

Desse modo, o turismo pode ser considerado como uma atividade complexa que compreende tanto a produção como o consumo, tanto as atividades secundárias (produção de espaço) como as terciárias (serviços), que agem articuladamente, apropriando-se de lugares exóticos, de paisagens naturais, de paisagens históricas, transformando-os. Concorde-se aqui que a paisagem é notável recurso turístico, desvelando alguns objetos e camuflando outros, por meio da posição do observador, quando pretende encantar e seduzir. (RODRIGUES, 2001)

Portanto, compreender, analisar e controlar a paisagem ou até mesmo limitar suas modificações são aspectos de suma importância para o desenvolvimento do turismo. A paisagem, como expressão espacial e visual do ambiente, sintetiza todas as dimensões implicadas na sua formação, seja por força da própria natureza, seja pelas interferências humanas.

A relação entre turismo e paisagem é demonstrada de forma cabal quando a motivação fundamental é a necessidade de romper com a rotina, anseio quase sempre materializado pelo deslocamento físico para lugares diferentes do local de residência. Se essa atitude é a verdadeira essência do turismo, a paisagem é o fator que melhor indica ao turista essa tão desejada mudança de lugar.

Para Font (1989 apud PIRES 2003a, p. 235), a paisagem torna-se um indicador privilegiado de como o turista está realmente mudando de lugar, pois é ela "um produto de sociedade e da cultura que se desenvolve em toda parte" ou, ainda, "a projeção cultural da sociedade num determinado espaço".

Nesse sentido, as atuais paisagens humanizadas representam a acumulação de informações ao longo dos tempos, uma fonte riquíssima de dados sobre as pessoas e as sociedades que as foram modelando. Se as paisagens humanizadas se apresentam com tal riqueza à expectativa e motivação turísticas, o que dizer das paisagens naturais, expressão visual dos ecossistemas, do relevo, das formações vegetais, da fauna, da hidrografia e das singularidades e manifestações que a natureza proporciona nas distintas latitudes, longitudes e altitudes do planeta?

Na verdade, antes mesmo do "olhar turístico" lançar-se sobre a diversidade cultural que os roteiros de viagem buscam proporcionar, estará tomado pela indelével diferenciação dos ambientes naturais que servem de entorno e de suporte à presença humana e às suas realizações. A experiência ambiental do turista resulta do seu envolvimento sensitivo e cognitivo com a dimensão natural das paisagens que envolvem as atividades humanas em toda parte. (PIRES, 2003b)

Por isso, Pires (2003b) concorda que paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística.

A crescente demanda turística por ambientes naturais consagrou o Ecoturismo e, no meio rural, verifica-se uma demanda igualmente crescente, encontrada nos chamados turismo rural e agroturismo. Tal valorização é permeada pela percepção humana desses ambientes, em especial das paisagens que os representam.

Enquanto a atratividade das paisagens naturais é determinada pela unidade, força, harmonia e, sobretudo, beleza dos elementos naturais que a integram, a atratividade das paisagens rurais é devida ao legado da humanização dessa mesma natureza, por meio de atividades agropastoris e de outros aspectos da ocupação do espaço, impregnados pela herança cultural de seus protagonistas. (PIRES, 2003a)

QUALIDADE E FRAGILIDADE VISUAL DA PAISAGEM

Segundo Pires (2003a, p. 121), a qualidade da paisagem sob enfoque turístico expressa, sobretudo os valores perceptivos e culturais que abrangem aspectos subjetivos derivados da paisagem. Esses aspectos incluem a sensação de mistério, o valor cultural, histórico e, especialmente, cênico, e o valor naturalístico, que é o mérito de uma unidade paisagística pelo estado de conservação dos ecossistemas que contém ou pela presença de espécies animais ou vegetais notáveis ou, ainda por certas singularidades naturais relacionadas com fatores geológicos, paleontológicos e outros.

A fragilidade visual da paisagem se define como o grau de susceptibilidade à deterioração mediante a incidência de determinadas atuações. De forma similar, o conceito de vulnerabilidade visual exprime o potencial de uma paisagem ou para absorver ou para ser perturbada visualmente pelas atividades humanas. (PIRES, 2003a).

ATRIBUTOS DA QUALIDADE VISUAL DA PAISAGEM

Pires (2003b) apresenta os atributos da qualidade visual da paisagem e os divide em: atributos de origem natural e atributos de origem antrópica.

Os atributos de origem natural são: florestas e outras formações vegetais autóctones em estado natural ou pouco alterados; flores campestres, vegetação rupestre; montanhas, serras e demais expressões naturais de transformação do relevo; penhascos, picos, afloramentos rochosos e outras saliências topográficas naturais; superfícies d'água como rios, lagos e lagoas e seu entorno natural; movimentos naturais de água na forma de cachoeiras, corredeiras, rebentação do mar, etc; praias, linhas de contorno da costa, ilhas e outros elementos litorâneos íntegros; presença de fauna nativa quando em liberdade, dentre outros.

Os atributos de origem antrópica são: terras cultivadas, mosaicos verdes; aldeias, povoados, paragens e lugares com características remotas ou primitivas; movimento de embarcações, atracadouros, faróis; travessias, pontes, caminhos antigos; edificações, monumentos, fortificações, igrejas e templos históricos; benfeitorias e usos tradicionais no meio rural como rodas d'água, fornos, estábulos, ferrarias, cultivo da terra e afazeres artesanais; espaços verdes no meio urbano, como parques, praças, arborização de ruas e jardins.

Segundo Rodrigues (2001, p. 110), "a avaliação qualitativa da paisagem é um recurso dos mais interessantes para a classificação e hierarquia dos atrativos turísticos". Os elementos componentes da paisagem se relacionam com suas propriedades visuais, analisadas com o objetivo de avaliação qualitativa.

A análise dos atributos da qualidade visual da paisagem dá uma noção da qualidade da paisagem; se esta pode ser considerada 'bonita' ou 'feia', ou ainda se apresenta algum problema ambiental que possa inviabilizar o seu consumo pela prática de alguma modalidade de turismo. Essa análise interessa a todos os envolvidos na prática do turismo, pois faz com que os interessados busquem soluções aos problemas relacionados com determinada paisagem.

DETRATORES VISUAIS DA QUALIDADE DA PAISAGEM

Segundo Pires (2003a), uma atividade é considerada detratora da qualidade visual da paisagem quando a intrusão visual decorrente da sua presença passa a incidir de forma negativa diretamente sobre a natureza e composição dos elementos visuais preexistentes na paisagem, e sobre os seus componentes biofísicos dotados de expressão visual.

Pires (2003b) apresenta os detratores visuais da qualidade da paisagem urbana e da paisagem rural/natural. Segundo o autor, são considerados detratores da paisagem urbana: edificações e construções abandonadas; depósitos de lixo, entulhos e sucatas; presença indiscriminada de *outdoors*; valas, sarjetas e esgoto a céu aberto; disposição caótica de postes e fiação aérea; adensamento excessivo de elementos de urbanização e ausência de elementos naturais; escavações e movimentos de terra descontrolados, etc.

O Pires (2003b) considera detratores da paisagem rural/natural: a mineração de superfície; os desmontes de encostas e as áreas de empréstimo; os traçados de estradas e caminhos nas encostas em desarmonia topográfica; os desmatamentos e as queimadas; os cursos e superfícies d'água poluídos e assoreados; as margens de rios, lagos, lagoas erodidas e desprovidas de vegetação natural; os terrenos com erosão; o avanço de edificações e elementos de urbanização sobre a linha natural da costa, etc.

Os elementos citados por Pires (2003b) podem ou não contribuir para a beleza estética e o equilíbrio ecológico de uma paisagem, tornando agradável ou desagradável aos olhos e ao gosto do turista. Os elementos também contribuem para a avaliação qualitativa da paisagem, recurso usado na classificação e na hierarquização dos atrativos turísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem é fruto da visão do observador e deve ser vista de forma integrada objetivando o entendimento das partes que a compõem. A percepção da paisagem busca entender o significado de uma parte qualquer do ambiente em relação ao todo. Qual a relação entre o turismo e a paisagem? Paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico, um recurso turístico e, portanto, de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística.

Ao ler-se a paisagem, toma-se contato com uma parte do espaço, fruto da relação do indivíduo com o seu meio. Essa paisagem resulta de uma acumulação desigual de tempos, revelando um dinamismo diacrônico, resultante do processo espacial. Todos os objetos expressos pelas formas, captados num determinado momento, formam um conjunto de objetos fixos, mas dotados de ações. Essas ações podem ser presentes ou pretéritas. Os tempos sociais determinam as formas.

É comum confundir o ver com o perceber. O ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos. A paisagem contém a energia necessária para estimular as dez modalidades sensoriais que se combinam na percepção. Cada sentido se especializa em captar uma parte da realidade. Mas perceber é algo mais profundo. Só percebe quem usa os "olhos da mente" e faz uso das modalidades sensoriais de diferentes formas, vivendo cada momento como único e imprescindível.

Quando é que interessa ao turista conhecer novas paisagens? Quando ele quer romper com a rotina estafante, fazendo do deslocamento físico a motivação fundamental para conhecer lugares diferentes do seu local de residência. Fazendo dessa atitude a verdadeira essência do turismo, a paisagem torna-se o fator que melhor indica ao turista essa tão desejada mudança de lugar.

REFERÊNCIAS

PIRES, P. S. A paisagem rural como recurso turístico. In: RODRIGUES, A. B. (Org). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003a. p. 117 – 132. (Turismo Contexto).

_____. Interfaces ambientais do turismo. In: TRIGO, L. G. G. (Org). **Turismo: como aprender, como ensinar**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003b. p. 229 – 255.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 2001. 158p.

_____. Geografia do Turismo: novos desafios. In: TRIGO, L. G. G. (Org). **Turismo: como aprender, como ensinar**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003. p. 87 – 122.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 384 p.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel. 1980. 288 p.

Recebido em outubro de 2008

Aceito em agosto de 2009